



## Os Sonhos de Lili: Aproximações Psicanalíticas sobre o Gênero Feminino no filme *A Garota Dinamarquesa*

*Maria Helena Rodrigues Campelo<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo analisar o gênero feminino no filme *A Garota Dinamarquesa*. A escolha do tema decorre do interesse em compreender a possível relação entre a categoria gênero e a Psicanálise, tentando-se pontuar os momentos de aproximação da teoria entre os conceitos de gênero, identificação e feminilidade. A opção da metodologia pela análise fílmica decorreu da possibilidade de observar a relação descrita na linguagem cinematográfica, enquanto lugar de comunicação, que revela um discurso. Os resultados e discussão alcançados foram observados na relação entre duas personagens que revelam as posições femininas sob diferentes perspectivas. As referências teóricas psicanalíticas utilizadas partem de Sigmund Freud (1996), seguem com as contribuições de Robert Stoller (1993) e Jacques André (1996), continuam com as proposições e comentários a partir de Paulo de Carvalho Ribeiro (2005) e Felipe Figueiredo Lattanzio (2001). Como conclusão pontua-se que o filme possibilita uma reflexão e análise de alguns aspectos sobre o gênero feminino, todavia, convida à ampliação de reflexões sobre a temática, permitindo o espaço para diálogos e compreensões.

**Palavras-chave:** gênero; feminilidade; psicanálise.

## Lili's Dreams: Psychoanalytical Approaches to the Female Gender in the Movie 'The Danish Girl'

**Abstract:** The present study aims to analyze the female gender in the movie *The Danish Girl*. The choice of the theme stems from the interest in understanding the possible relationship between the gender category and Psychoanalysis, attempting to punctuate the moments of approximation of the theory between the concepts of gender, identification and femininity. The option of the methodology for the movie analysis came from the possibility of observing the relation described in the cinematographic language, as a place of communication, which reveals a discourse. The results and discussion reached were observed in the relationship between two characters that reveal the feminine positions from different perspectives. The psychoanalytical theoretical references used by Sigmund Freud (1996), followed by the contributions of Robert Stoller (1993) and Jacques André (1996), continue with the propositions and comments from Paulo de Carvalho Ribeiro (2005) and Felipe Figueiredo Lattanzio (2001). As a conclusion, it is pointed out that the movie allows for a reflection and analysis of some aspects about the feminine gender, however, it invites the expansion of reflections on the subject, allowing the space for dialogues and understandings.

**Keywords:** Gender; Femininity; Psychoanalysis.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC, linha de pesquisa: História e Educação Comparada, eixo temático: Família, Sexualidade e Educação. Educadora Biocêntrica. Especialista em Serviço Social, Seguridade Social e Legislação Previdenciária. Psicóloga Clínica. Assistente Social. Professora da Faculdade Cearense - FAC. Diretora Operacional

## **Introdução**

O artigo aborda o tema da diferença sexual com ênfase na categoria gênero. Observamos que a preocupação com a constituição e o desenvolvimento sexual do ser humano é uma questão que percorre o universo dos estudos acadêmicos no interior da psicologia, motivando as múltiplas reflexões acerca de fenômenos relacionados aos conceitos de sexo e de gênero.

Historicamente foram se construindo referenciais de entendimento, os mais variados possíveis, acerca dos sentidos, significados e significantes para atribuir definições ao que é um homem e ao que é uma mulher. Apontamos abreviadamente pelo menos três perspectivas. A primeira é proveniente do ponto de vista biológico, para qual é comum pensar a diferença entre o homem e a mulher segundo a presença do órgão genital de cada um, definidos pela espécie humana. Ou seja, o pênis correlativo ao homem e a vagina à mulher. A segunda consiste numa visão social da diferença mulher-homem, e considera que ser homem ou ser mulher tem a ver com o papel que é atribuído a cada um pela cultura. Nesse caso, cabe lembrar a contribuição das teorias humanas e sociais, bem como do feminismo e do movimento de mulheres na luta pela garantia de direitos, pela constituição de políticas afirmativas, e pelo fortalecimento da igualdade entre homens e mulheres, em virtude de culturas machistas. A terceira e última perspectiva está fundamentada na psicologia, precisamente na psicanálise que considera a diferença sexual a partir do desejo sexual inconsciente.

É diante desse cenário de múltiplas referências que pretendemos adentrar o campo de pesquisa sobre o termo gênero, buscando refletir e compreender a problemática da diferenciação entre os sexos a partir do aporte teórico da psicanálise. Em relação à psicanálise, Freud (1996), na obra *Feminilidade*, comenta que esta teoria não tenta descrever “o que é a mulher”, pois considera que isso seria muito difícil, mas tenta questionar como a mulher se constitui, como se desenvolve a partir da criança, que seria dotada de uma disposição bissexual, compreensão importante sobre o tema. Nesse trabalho, o autor apresenta a noção da bissexualidade humana, refletindo sobre a possibilidade de que um indivíduo não ser homem ou mulher, “mas sempre fosse ambos – simplesmente um pouco mais de um, do que do outro”, e argumenta que “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia” (FREUD, 1996, p. 115). Esse ponto demarca as reflexões sobre as possibilidades de desenvolvimento do gênero humano.

Em outro estudo, no trabalho sobre *Sexualidade Feminina*, Freud (1996) explica o conteúdo do complexo de Édipo, incluindo todas as relações da criança com ambos os genitores, e pontua que as condições primárias para uma escolha de objeto são as mesmas para todas as crianças. O autor comenta que o complexo de Édipo nas mulheres constitui o resultado final de um longo e difícil desenvolvimento, uma vez que é criado pelo complexo de castração, e não destruído por este, e pode ocorrer que não seja

superado pela mulher, tornando-se a situação edipiana uma espécie de solução preliminar. Assim, conclui: “é essa diferença na relação recíproca entre o complexo de Édipo e o de castração que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais” (FREUD, 1996, p. 238).

Na obra *O Ego e o Id*, Freud (1959) discorre sobre o conceito de identificação, a disposição triangular da relação de Édipo e a bissexualidade constitucional do indivíduo. O autor considera que na gênese de ideal do Ego, encontra-se a primeira e mais importante identificação do indivíduo: a identificação com o pai. Para o mesmo, esta identificação não constitui o resultado de uma carga de objeto, porque é direta, imediata e anterior, mas, “as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e que recaem sobre o pai ou a mãe, parecem ter como desenlace normal a citada identificação e intensificar assim a identificação primária” (FREUD, 1959, p. 202). O conceito de identificação é apresentado como a referência para a compreensão do sujeito.

A partir de Freud outros autores psicanalistas também comentam sobre a noção de feminilidade. Seguindo essa abordagem, apresenta-se as referências de Robert Stoller (1993) e as contribuições de sua obra *Masculinidade e feminilidade: a apresentação de gênero*. Este autor apresenta um conceito importante para pensar a noção de gênero em psicanálise, quando considera que o termo identidade de gênero “refere à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes” (STOLLER, 1993, p. 28).

Ele pontua que essa concepção é diferente da qualidade de ser homem ou ser mulher, pois esta tem conotação com a biologia; e, portanto, a identidade de gênero apreende um “comportamento psicologicamente motivado”. O mesmo define que “embora a masculinidade combine com a qualidade de ser homem e a feminilidade com a qualidade de ser mulher, sexo e gênero não estão, necessariamente, de maneira direta relacionados” (STOLLER, 1993, p. 28). Essa compreensão avança no sentido de ampliar as possibilidades sobre a relação sexo – gênero.

Continuando a perspectiva psicanalítica, Jaques André (1996) em seus estudos sobre *As origens femininas da sexualidade*, comenta, partindo de proposições freudianas, que o núcleo do amor tem uma relação profunda com a feminilidade, sendo esta “a própria qualidade da alteridade”, afirmando assim que “o elemento feminino é o recalcado por excelência”. O autor considera que a concepção freudiana revela a originalidade da descoberta psicanalítica: “a sexualidade humana é pulsional, e a pulsão é radicalmente desqualificadora do instinto (de reprodução)” (ANDRÉ, 1996, p. 18). Essa aproximação entre feminilidade e alteridade também amplia os horizontes de análise sobre o termo gênero.

A partir dessas compreensões psicanalíticas, segue-se com as contribuições de Paulo de Carvalho Ribeiro (2005) que comenta as referências de outros teóricos, tais como: Freud, Stoller, Laplanche e André. As pontuações do autor para os estudos de gênero perpassam pela apresentação do conceito de *identificação feminina primária*.

Ribeiro (2005) parte das proposições de Stoller, em oposição à concepção de Freud sobre masculinidade inata, discordando da suposta maior complexidade da posição da menina no processo de aquisição da feminilidade. Comenta que Stoller se aproxima de Laplanche, quando considera o processo de formação da sexualidade da criança. Afirma que “o trabalho de des-identificação necessário à construção da masculinidade é corroborado pelo estudo dos transexuais, fortalecendo, dessa forma, a ideia de uma identificação feminina primária resultante da relação inicial da criança com a mãe (RIBEIRO, 2005, p.239). O autor compartilha alguns pressupostos de Stoller ao compreender que não existe identidade de gênero não-conflitiva, pois, “a diferenciação entre uma identidade de gênero nuclear não-conflitiva e uma identidade de função de gênero conflitiva reflete, em última instância, a tendência a resguardar uma parte da identidade de gênero como passível de desenvolver-se ao largo das questões ligadas à sexualidade, ao Édipo e à castração” (RIBEIRO, 2005, p. 248).

O autor concorda com Stoller quanto ao caráter primário da feminilidade em meninos e meninas, pois reconhece que uma identificação feminina primária é uma passagem necessária na constituição do sujeito psíquico. No entanto, discorda dele quanto à concepção de feminilidade, divergindo sobre a forma de sua transmissão para a criança, e também se diferenciando ao afirmar que “se trata de uma feminilidade primária condenada ao recalçamento tanto nos que se posicionam do lado da masculinidade quanto daqueles que se posicionam do lado da feminilidade” (RIBEIRO, 2005, p.254).

Nos comentários sobre a obra de Jaques André, Ribeiro (2005) pontua que a concordância com este autor refere-se à “concepção de uma feminilidade originária fundada na confluência da sedução com a penetração nas origens do sujeito psíquico e não na transmissão da feminilidade da mãe para a criança” (RIBEIRO, 2005, p.253). Todavia, ao invés de pensar como André, num ser-penetrado feminino, propõe uma concepção da feminilidade originária como equivalente do estado penetrante/penetrado. O autor compreende a feminilidade fundada na relação de penetração, ou seja, “no estado ou fenômeno no qual a alteridade encontra-se presentificada em ato e por meio do qual a consolidação do eu se faz pela via do outro” (RIBEIRO, 2005, p.253). Destaca então o que define a feminilidade: “é a coalescência do eu e da alteridade numa relação de penetração, na qual a dissolução dos limites corporais apresenta-se como condição necessária à consolidação do eu como instância do aparelho psíquico” (RIBEIRO, 2005, p.253).

A proposta de pensar uma relação entre gênero e psicanálise também pode ser observada nas contribuições de Lattanzio (2001), na sua tentativa de construir um percurso histórico sobre o surgimento e evolução do conceito de gênero na teoria psicanalítica, tendo por base alguns autores. Ele compreende a importância da alteridade na constituição do sujeito psíquico, a partir das contribuições de Freud; dos estudos de Money, Greenson e Stoller; dos referenciais de Jaques André, Ribeiro e de Jean Laplanche.

Lattanzio (2001) procura, a partir de Freud, compreender como se definiu a existência de dois gêneros ou sexos, e as diferenças psicológicas entre os indivíduos pertencentes a cada um deles. Isso se explicaria a partir do recurso ao biológico e ao anatômico, pois o desenvolvimento pré-fálico inicialmente congruente para ambos os sexos, mudaria no momento em que a criança se deparasse com a descoberta da diferença anatômica, então percebida em termos de fálico e castrado, para o menino que detém o pênis e a menina não. O autor demarca essa constatação como o diferencial ao desenvolvimento de cada sexo. Todavia, chama atenção para não se cair no erro ao interpretar o paradigma de Freud, que não se limita à biologia e à anatomia como ponto de partida das diferenciações entre o masculino e o feminino. Adverte que, para Freud, “os dois sexos em verdade se resumem a apenas um, que ou se apresenta na positividade do pênis ou se escamoteia na negatividade daquilo que na mulher não tem nome” (LATTANZIO, 2005, p.21).

O termo gênero, pontua Lattanzio (2001), surgiu no campo científico para estudos teóricos, na década de 1950, pelo psicólogo norte-americano John Money, para expressar as diferenças entre o sexo anatômico de uma pessoa e sua identidade sexual. Aponta que, de forma pioneira, Money apresentou a importância da designação parental na definição de uma identidade sexual, em relação ao determinismo biológico, e o conceito de gênero foi criado para significar a relevância da cultura e do ambiente sobre o sexo, que era compreendido como um dado biológico. Posteriormente, comenta que os psicanalistas Ralph Greenson e Robert Stoller desenvolveram o conceito de gênero, considerando as primeiras relações entre mãe e filho na definição do gênero da criança. Tais autores consideraram a primazia da alteridade na delimitação da qualidade da identificação em sentir-se homem ou mulher.

De acordo com Lattanzio (2001), Stoller constituiu-se uma grande referência nos estudos de gênero, pois sua obra está ancorada na proposição de uma dupla inversão teórica: por um lado, “chamou a atenção para o fato de que a identidade de gênero ocorre num movimento que se origina do exterior antes mesmo da existência de um Eu suficientemente formado capaz de desejar algo”; por outro lado, “deu corpo teórico à tese de Greenson, invertendo a noção freudiana de que a masculinidade é um destino mais fácil e mais desejado do que a feminilidade” (LATTANZIO, 2001, p.32).

Outra importante contribuição sobre gênero apresentada por Lattanzio (2001) é a compreensão de Jean Laplanche sobre a primazia da alteridade nos processos de designação e formação da identidade de gênero, a qual considera a simbolização do gênero como uma tradução organizadora, enquanto o sexo fixa e dá estabilidade ao gênero. Assim, nessa relação compreende-se que o gênero “antecede o sexo e é anterior à própria tomada de consciência; o sexo é secundário e organizador, é uma simbolização do gênero, vindo atender às exigências narcísicas de estabilização de uma multiplicidade” (LATTANZIO, 2001, p. 65).

Lattanzio (2001) compreende a relação entre sexo, gênero e primazia da alteridade a partir de Ribeiro e Jacques André, pois ambos, respeitando-se as suas especificidades, partem de Jean Laplanche:

situam a feminilidade nas origens da formação do psiquismo humano, a partir da *teoria da sedução generalizada*, que apresenta a possibilidade de “conceber a pulsão e o inconsciente como verdadeiros produtos da inoculação da sexualidade pelo outro” (LATTANZIO, 2001, p.42).

Jacques André, segundo Lattanzio (2001), ao apresentar proposições sobre as origens femininas da sexualidade, contribuiu com a definição de um sexo, que considerando a lógica fálica, assume um papel defensivo diante dos primeiros tempos de penetração sedutora do outro. Para o autor, André contribuiu para a compreensão da relação entre o feminino e o recalcado, permitindo aproximar as condições originárias do psiquismo da feminilidade. O mesmo ressalta a originalidade da abordagem de André quanto aos estudos de feminilidade e gênero, ampliando a noção de feminilidade no pensamento psicanalítico quanto às origens femininas da psicosexualidade. A feminilidade é então apresentada como “a principal simbolização dos momentos originários do psiquismo e, por isso mesmo, torna-se o recalcado por excelência tanto nos homens quanto nas mulheres, sendo que a lógica fálica é o principal agente recalcante dessa feminilidade originária” (LATTANZIO, 2001, p. 55).

De outra sorte, conforme explica Lattanzio (2001), Ribeiro, através de sua concepção sobre a identificação feminina primária e a identificação passiva, contribuiu para formalizar a relação do gênero com o recalçamento e com o conflito psíquico, e a partir de então, o sexo passou a ser compreendido como uma aquisição tardia, concomitante ao Édipo e que, portanto, tem um papel organizador do Eu. O autor aponta que Ribeiro realizou um percurso pela obra freudiana buscando indícios de um verdadeiro recalçamento da identificação feminina primária e do desejo de castração, reunindo subsídios, com base na teoria de Laplanche, para propor sua argumentação: “a ação traumática e invasiva da sexualidade inconsciente do adulto sobre a criança é organizada primariamente por uma identificação feminina” (LATTANZIO, 2001, p.44). Completa afirmando que esta identificação “funciona como uma formação narcísica ainda hesitante entre a unificação e a dispersão; isso ocorre devido a uma “afinidade intransponível entre a sedução originária e a feminilidade, bem como devido à identificação primária à mãe” (LATTANZIO, 2001, p.45).

Diante da relevância do tema, considera-se que os referenciais teóricos psicanalíticos buscam uma aproximação e reflexão sobre os elementos do gênero feminino no filme *A garota dinamarquesa*. Assim, o filme pode ser compreendido sob diversas perspectivas, aqui optou-se por identificar como o gênero feminino se expressa na relação entre duas personagens fortes e profundas. Além da impressão com a sutileza das cenas e a leveza da fotografia, o que se observa é a condução de uma narrativa que emociona, porque permite refletir sobre a condição humana e as tentativas de classificar as pessoas em uma categoria binária, ou por que não dizer sexista, entre homens e mulheres. Busca-se observar a expressão do sujeito de desejo, como ocorre a identificação como o gênero feminino ou masculino, e como se revela alguns sintomas da personagem diante da angústia do não reconhecimento e pertencimento a lugares sociais.

As considerações iniciam com os apontamentos metodológicos sobre o percurso desenvolvido. Segue-se com os resultados e discussões, incluindo o referencial teórico, a partir do tópico: compreensões sobre o processo de identificação e a constituição da feminilidade; e com a análise do filme, com as observações sobre o item: Os sonhos de Lili - análise empírico documental do filme *A Garota Dinamarquesa*. Por fim, apresenta-se as considerações finais sobre o estudo.

## **Metodologia**

Para a reflexão do gênero feminino no filme analisado, parte-se da compreensão sobre os elementos presentes nas referências bibliográficas e nas características da linguagem e da comunicação audiovisual. O encanto cinematográfico envolve aqueles (as) que, por instantes, se permitem ir de encontro ao universo da linguagem e da ficção. A comunicação através do enredo de longas metragens expressa uma mensagem, compreendida de formas diferentes, porque depende do olhar, das histórias vividas, da elaboração dos sentidos, significados e dos significantes atribuídos, ou ressignificados, para cada sinopse.

Considera-se que o método da pesquisa qualitativa é o que melhor desvela os sentidos do objetivo proposto nesse estudo. A pesquisa qualitativa permitiu a revisão de literatura sobre o tema, com base no referencial teórico da psicanálise, além da busca por documentários, vídeos e filmes sobre a temática gênero. Identificou-se a necessidade de delimitar a forma de compreender o fenômeno, a partir das articulações sobre o conceito, e definir o que e como observar o enredo e o discurso da linguagem audiovisual. A coleta de dados, inicialmente, possibilitou uma listagem de conteúdos e obras, todavia, a dificuldade em fazer o recorte para a especificidade do estudo mobilizou a demarcação das categorias, demandando sua identificação na obra analisada. As reflexões oriundas deste material foram sistematizadas para a construção das argumentações no presente trabalho.

Considerando os aspectos possíveis de serem identificados pela pesquisa qualitativa optou-se pela realização da análise fílmica como instrumento para observar a expressão das categorias. A opção metodológica pela utilização do filme, diante de inúmeras possibilidades, compreende a articulação entre o diálogo e o conteúdo, as cenas, as imagens e as compreensões sobre o não-dito através do discurso psicanalítico. Assim, a escolha do filme ocorreu devido a sutileza dos aspectos apresentados, uma vez que à luz do referencial teórico utilizado, coube a esse estudo destacar as aproximações com o gênero feminino. O enredo constituiu um relato para observação, pois revela, através da fala, a compreensão do sujeito de desejo e a angústia diante de satisfazer uma falta.

A análise fílmica se constitui uma metodologia com base na interpretação, tem como suporte teórico o gênero audiovisual, que de acordo com Mombelli; Tomain (2014; p. 02) “compreende a

narrativa do filme e a sua composição enquanto produto final”. Esses autores consideram que para a realização da análise fílmica é necessário observar aspectos internos e externos à obra, de forma os primeiros corresponderiam aos “elementos da linguagem audiovisual que dão forma ao produto”; enquanto os externos se relacionam às temporalidades” (MOMBELLI; TOMAIN, 2014, p.02).

Assim, a análise fílmica não pode ser realizada descontextualizada da época em que é produzida e do período histórico que aborda no enredo, pois segundo Mombelli; Tomain (2014), uma vez que o momento e o tempo da arte dizem respeito ao movimento que envolve o cinema, nesse caso, a atual conjuntura é reflexo da contemporaneidade, mas o filme escolhido retrata a realidade de um outro século e uma outra nacionalidade. Dessa forma, os autores consideram que o filme representa “um conjunto de fatores de acordo com a época em que foi produzido” (MOMBELLI; TOMAIN, 2014, p.04).

Além disso, o filme expressa também o ponto de vista de quem o produz, contempla a mensagem do discurso que tenta reproduzir. Conforme Mombelli; Tomain (2014), cada estudo possui uma singularidade que se destaca de uma universalidade, que varia de acordo com o “recorte do objeto, as particularidades do pesquisador e o decorrer da pesquisa” (MOMBELLI. TOMAIN, 2014, p.15). Embora a técnica seja necessária e indispensável à produção cinematográfica, há algo que perpassa a linguagem fílmica, a forma como o enredo é apresentado demonstra o encanto com a história e forma como é possível se envolver na narrativa e compreender a mensagem exposta.

## **Resultados e Discussões**

### **Compreensões sobre o processo de identificação e a constituição da feminilidade**

No desenvolvimento do presente estudo, busca-se identificar a relação entre alguns conceitos psicanalíticos e a compreensão da categoria gênero. Partindo de Freud (1996) compreende-se que o processo de identificação de crianças como meninos ou meninas, e sua constituição advém do desenvolvimento do complexo de Édipo e de castração.

Sobre esse assunto Freud (1996) afirma que masculino e feminino não correspondem a ativo e passivo, ou a agressividade e passividade, respectivamente; pois “afinal, a distinção anatômica entre os sexos deve expressar-se em consequências psíquicas” (FREUD, 1996, p. 124). Compreende-se com esta proposição que não é o aspecto biológico que define o feminino e o masculino, pois esta definição é mais ampla, apreende outros aspectos, e demanda, inclusive, a observação e compreensão sobre o fato orgânico da existência de dois sexos, bem como sobre a denominação e atribuição de feminino às pessoas que tem genitais femininos.

No que diz respeito ao complexo de Édipo e de castração nas meninas, Freud (1996) explica que a menina inicia o Édipo com a transferência para o pai do desejo do pênis –bebê. Assim, decorre desse fato que a menina apresenta uma hostilidade contra sua mãe, isso é intensificado devido a rivalidade entre elas, decorrente do fato da mãe receber do pai aquilo que a criança deseja. Dessa forma,

O complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se essa fora um refúgio. [...]. As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto (FREUD, 1996, p. 128-129).

Quanto ao desfecho desse processo na menina, Freud (1996) afirma que a mulher reconhece sua castração, e, conseqüentemente, também a suposta “superioridade do homem e sua própria inferioridade”, todavia, não aceita e se rebela contra essa condição. A partir dessa situação, constituem-se três linhas para o seu desenvolvimento:

A primeira leva a uma revulsão geral à sexualidade. [...]. A segunda linha a leva a se aferrar como desafiadora auto - afirmativamente à sua masculinidade ameaçada. [...]. Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo (FREUD, 1996, p.238).

O desenrolar do complexo de Édipo, segundo Freud (1959), pode assumir duas formas: uma é a identificação com o pai ou com a mãe, outra é uma possível intervenção da bissexualidade originária do sujeito infantil. No desenlace desse processo combinam-se quatro tendências: “a identificação com o pai conservará o objeto materno do complexo positivo e o substituirá, simultaneamente, o objeto paterno do complexo invertido. O mesmo acontecerá, ‘mutatis mutandis’, com a identificação com a mãe” (FREUD, 1959, p. 205).

Esse processo de identificação nas crianças, conforme Freud (1959), assume uma diferença entre meninos e meninas. Em relação às mulheres, o autor descreve que o complexo de Édipo da menina pode terminar com uma identificação com a mãe, o qual afirma que constitui “o caráter feminino do sujeito”. O mesmo comenta que a menina “depois de ter sido obrigada a renunciar ao pai como objeto erótico, exterioriza componentes masculinos de sua bissexualidade constitucional e se identifica, não já com a mãe, mas com o pai, isto é, com o objeto perdido” (FREUD, 1959, p.204). Ressalta que esta identificação vai depender da intensidade de suas disposições masculinas, independente da sua natureza.

De acordo com Freud (1996), o primeiro objeto de uma mulher é a sua mãe, e a dependência de uma mulher quanto ao pai revela a herança de uma ligação forte com esta mãe, pois ao fim de seu desenvolvimento, seu pai, um homem, deveria tornar-se seu novo objeto amoroso. O autor acrescenta que a mulher atinge a normal situação edipiana diante da condição em que “à mudança em seu próprio

sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto” (FREUD, 1996, p. 236). Este autor descreve ainda que a identificação de uma mulher com sua mãe possibilita a distinção em duas camadas: “a pré-edípiana, sobre a qual se apoia a vinculação afetiva com a mãe, e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomá-la o lugar junto ao pai” (FREUD, 1996, p.133). O mesmo ressalta que essa fase da ligação afetiva pré-edípiana torna-se decisiva para o futuro de uma mulher.

Para Freud (1996) essa fase de ligação exclusiva à mãe corresponde à fase pré-edípiana, e o afastamento da mãe constitui um passo necessário no curso do desenvolvimento completo de uma menina. O autor considera que nesse processo abre-se o caminho para o desenvolvimento da feminilidade, pois “com o afastamento da mãe, a masturbação clitoriana não raro cessa também, e, com bastante frequência, quando a menina reprime sua masculinidade prévia, uma parte considerável de suas tendências sexuais em geral fica também danificada” (FREUD, 1996, p. 247). Em decorrência, a transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio de tendências passivas. Nesse processo, observa-se ainda a identidade da fase pré-edípiana nas meninas e a afirmação da atividade sexual (fálica) da menina para com a mãe. Assim, Freud (1996) destaca que: “o afastamento da mãe tem sua origem remontada à influência do reconhecimento da castração por parte da menina, fato que a obriga a abandonar seu objeto sexual e, com frequência, a masturbação junto com ele” (FREUD, 1996, p. 249).

Sobre o desenvolvimento da sexualidade feminina, Freud (1996) refere-se a esse processo como “complicado”, devido a dois fatores: o primeiro é que a menina precisa abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital, o clitóris, em favor de outra, a vagina; e a segunda é a alteração relativa a troca de seu objeto original, a mãe, pelo pai. Ele explica que as principais ocorrências genitais da infância nas mulheres ocorrem em relação ao clitóris. Assim, define que a vida sexual das mulheres “é regularmente dividida em duas fases, a primeira possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina” (FREUD, 1996, p. 236). O autor acrescenta que outra complicação desse fenômeno tem origem no fato de o clitóris continuar funcionando com seu caráter viril na vida sexual feminina adulta.

Buscando compreender as origens da masculinidade e da feminilidade, Stoller (1993) pontua que o estágio mais inicial no desenvolvimento humano pode ser conceitualizado como o sentido do sexo da pessoa. Assim, o autor considera que o conceito de identidade de gênero amplia a variedade de comportamentos e informa que “a identidade de gênero nuclear é uma convicção de que a designação do sexo da pessoa foi anatômica e psicologicamente correta” (STOLLER, 1993, p.29). Seu principal conceito refere-se à formação da identidade de gênero nuclear, que é resultado de vários fatores, conforme descrito a seguir:

1. Uma força biológica: originando-se na vida fetal e comumente genética em sua origem [...];
2. A designação do sexo no nascimento: a mensagem que a aparência dos

genitais externos do bebe leva aqueles que podem designar o sexo [...]; 3. A influência incessante das atitudes dos pais, especialmente das mães, sobre o sexo daquele bebe, e a interpretação destas percepções por parte do bebe [...]; 4. Fenômenos bio-psíquicos: efeitos pós-natais precoces causados por padrões habituais de manejo do bebê [...]; 5. o desenvolvimento do ego corporal: a miríade de qualidades e quantidades de sensações, especialmente dos genitais, que definem o físico e ajudam a definir as dimensões psíquicas do sexo da pessoa (STOLLER, 1993, p. 29-30).

Stoller (1993) comenta que Freud apresentou a descrição da masculinidade nos homens acreditando que “a qualidade de ser um homem e a masculinidade são os estados principais e mais naturais, e que ambos, homens e mulheres, consideram a qualidade de ser mulher e a feminilidade menos valiosas” (STOLLER, 1993, p.32). O autor acrescenta que Freud considerou que a qualidade de ser homem ou de ser mulher, “contudo, é invadida por atributos do outro sexo, e esta bissexualidade inata tem consequências no desenvolvimento normal e anormal” (STOLLER, 1993, p. 32). Sobre a feminilidade em Freud, Stoller aponta que esta aparece como “um estado secundário, defensivo, adquirido muito tarde no desenvolvimento, é mais o produto da renúncia à esperança do que o resultado das experiências prazerosas” (STOLLER, 1993, p. 34). Assim, contrariando a proposição freudiana, o autor afirma que o conceito de identidade de gênero nuclear modifica a base dessa teoria, pois,

embora seja verdade que o primeiro amor do menino é heterossexual, e embora os pais sejam rivais excessivamente poderosos, há um estágio mais precoce no desenvolvimento da identidade de gênero em que o menino está fundido com a mãe. Apenas depois de alguns meses é que ela gradualmente se torna um objeto claramente separado. Sentir a si próprio como uma parte da mãe – uma parte da estrutura de caráter primeva e, portanto, profunda, (identidade de gênero nuclear) – estabelece o fundamento para o sentido de feminilidade de um bebê. Isso coloca a menina firmemente no caminho para a feminilidade na idade adulta, mas põe o menino em risco de ter, em sua identidade de gênero nuclear, um sentido de unidade com a mãe (um sentido da qualidade de ser mulher) (STOLLER, 1993, p.35).

Seguindo essa compreensão de Stoller, André (1996) defende a hipótese sobre a posição feminina, a partir da sedução originária, considerando que “a sedução adulta é constitutiva da feminilidade precoce; que a intrusão da sexualidade adulta constituída, inconsciente de si mesma, obriga a criança a uma posição passiva e seduzida, prelúdio da posição feminina” (ANDRÉ, 1996, p.20). O autor sugere que a sua teoria da feminilidade localiza-se em contradição com a tese de Freud, segundo a qual, a teoria sexual infantil situa a masculinidade originária da criança fetichista, do complexo de castração. A hipótese de André (1996) é que a concepção da feminilidade tem uma relação com a constituição do sujeito psicosssexual, isso significa pensar a mudança das origens da sexualidade feminina para a feminilidade das origens da psicosssexualidade. Sua hipótese considera a psicogênese da feminilidade, que “por articular as primeiras experiências passivas da criança pequena com a posição feminina, tende a aproximar a psicogênese da feminilidade da gênese da psicosssexualidade, a aproximar o interior feminino do inconsciente” (ANDRÉ, 1996, p.116).

Essa outra forma de compreender as posições femininas e masculinas é apresentada por André (1996), acentuando-se a oposição entre os termos, pois afirma que o outro sexo, para o homem ou a mulher, “é sempre o sexo feminino, na medida em que ele está pré-inscrito no psicossoma da criança pela efração sedutora original do outro (do adulto), e em que, ao ser penetrado, ele repete o gesto e mantém o enigma da efração” (ANDRÉ, 1996, p. 115). Assim, ele ressalta que a feminilidade primária “constitui uma primeira representação da passividade da criança diante da efração que caracteriza a situação traumática de sedução” (ANDRÉ, 1996, p.115). Sobre a primazia do falo em Freud, André (1996) explica que o sexo masculino, diante da simbolização fálica, “é para todo o mundo o mesmo, quer o tenha ou não”; isso significa que “o falo é o primado de um sexo, apenas um, sem outro senão sua própria essência” (ANDRÉ, 1996, p. 115). Para essa suposição freudiana, a sexualidade feminina é uma formação secundária, mais pubertária do que infantil.

Seguindo a mesma aproximação com Stoller e André, Ribeiro (2005) também considera uma feminilidade originária e o caráter secundário e defensivo da masculinidade. O autor ressalta a contribuição de Freud sobre o recalçamento ao acrescentar que “as crianças de ambos os sexos encontrarão na masculinidade a saída do recalçamento dessa feminilidade originária, cuja primariedade tenderá a ser recoberta pela primazia do falo” (RIBEIRO, 2005, p.254).

De acordo com Ribeiro (2005) os primórdios da relação mãe/criança pode ser descrita em termos de uma relação de penetração, pois quando é possível existir a representação psíquica de uma fronteira epidérmica do eu, toda a relação da criança com o outro adquire uma potencialidade de representação como de penetração. Essa relação corresponde a “penetração” porque privilegia três aspectos: “o caráter eminentemente penetrável e epidérmico do eu incipiente, a prevalência da passividade da criança nas trocas com o adulto e a força das fantasias inconscientes do adulto, nas quais as representações de penetração ocupam um lugar de destaque” (RIBEIRO, 2005, p. 251). Para o autor, meninos e meninas são individualizados pela feminilidade inerente à relação de penetração, mas são separados pela oposição masculino/feminino e pelo reconhecimento do valor atribuído pela mãe à masculinidade e ao falo. O mesmo posiciona que a masculinidade e a feminilidade secundária são constituídas como uma superação defensiva e denegativa do estado primitivo do eu.

Ribeiro (2005) defende uma teoria conflitiva da formação da identidade de gênero, isso porque a oposição criada pelo recalçamento originário incide sobre a formação do gênero e também depende dela para se transformar em conflito propriamente sexual e sexuado. Assim, o autor ressalta que “a primazia fálica transpõe o conflito inerente à aquisição de elementos identificatórios ligados ao gênero e ao sexo para as consequências que as escolhas objetivas feitas a partir dessa suposta masculinidade originária produziram” (RIBEIRO, 2005, p. 249). O mesmo explica que a formulação freudiana sobre o complexo de castração organiza-se a partir da suposta primazia da masculinidade e do pênis, e não do

significante falo; e reforça que a primazia fálica é “uma primazia defensiva, cuja função é recalcar uma feminilidade que não é castrada mas sim orifical” (RIBEIRO, 2005, p. 250).

A hipótese de Ribeiro (2005) é sobre a existência de dois gêneros, além da diferença anatômica dos sexos, pois reconhece as condições de surgimento do sujeito psíquico como fatores determinantes. Essa compreensão reforça que as condições originárias de surgimento do sujeito psíquico são determinantes do surgimento dos gêneros, pois antes da apreensão da diferença dos sexos e da percepção das marcas culturais distintivas dos gêneros pela criança, as marcas deixadas pela sedução originária já produzem efeitos somato-psíquicos, em que prevalecem o suposto estado penetrante/penetrado de consolidação identificatória do eu. Explica ainda que esse estado de consolidação do eu coincide com a potencialidade pulsional e que se “submetido ao recalçamento, se conjugará com os elementos de efração e fragmentação do recalçado originário para constituir-se como fonte da pulsão” (RIBEIRO, 2005, p.251). Assim, esse estado de penetrante/penetrado antes de se tornar um par de opostos constitui “um estado de dissolução de oposições, no qual a presença do outro induz mimetismos que funcionam, paradoxalmente, como poderosos fatores de individuação” (RIBEIRO, 2005, p. 252).

Tentando articular essas contribuições sobre o processo de identificação da feminilidade, conforme exposta pelos autores acima, Lattanzio (2001) realiza uma contextualização histórica sobre essas referências. O autor explica que para Freud, a identidade sexual aparece como algo linear, nos meninos com a identificação com o pai, e em menor grau nas meninas, com a condição de castração para a feminilidade dita normal. Assim, a constatação freudiana “de que os seres humanos percebem apenas a existência de um sexo - o masculino - que pode estar presente ou ausente, longe de ser um fato biológico, é algo que se situa absolutamente no nível da interpretação feita por Freud de um dado anatômico” (LATTANZIO, 2001, p.22).

Todavia, Lattanzio (2001) pontua que Stoller desmontou a noção de uma primazia do masculino ou do falo, apontando para a direção de uma primazia do feminino, noção baseada na identificação precoce com a mãe. Para o mesmo, Stoller inverte a tese freudiana de uma primazia fálica, ao afirmar que a mãe ocupa lugar central, sendo que a primazia da feminilidade está baseada em dois fatos: as mães que estabelecem as primeiras trocas com os bebês; e o registro do desejo como registro da necessidade do bebê.

Lattanzio (2001) busca uma aproximação dos momentos em que a teoria psicanalítica constitui elementos que remetem à concepção de gênero e aponta que a psicanálise avançou quanto a uma primazia da alteridade na constituição identitária. O autor explica que Laplanche, ao falar do conceito de “corpo-estranho-interno” e a tensão entre o outro e a constituição do sujeito, inferem na irredutível “primazia da alteridade” no ser humano. Dessa forma, defende que as teorias psicanalíticas pautadas no “primado do outro” podem se aproximar da complexidade do conceito de gênero, e que o gênero é um conceito fundamental da teoria psicanalítica, pois possibilita perceber o conflito e a constituição psíquica

e as formas de subjetivação. Observa-se assim que é possível compreender a aproximação entre gênero e psicanálise a partir das articulações entre os conceitos apresentados, e que estes serviram de base para refletir sobre o gênero feminino no filme, conforme exposto no tópico a seguir.

### **Os sonhos de Lili: análise do filme A Garota Dinamarquesa**

O filme *A Garota Dinamarquesa* (2015), direção de Tom Hooper, produzido a partir da obra escrita, de mesmo nome, de David Ebershoff, é baseado na história real das pintoras Lili Elbe e Gerda Wegener. A obra fílmica narra a história de um casal, típico da sociedade dinamarquesa, nos anos 1920. Inicialmente, observa-se um padrão de relações, atitudes e desejos de um casal heterossexual com expressões, gestos e formas de ser e vestir, ditas e reproduzidas, como gêneros masculino e feminino, correspondendo a homem e mulher, respectivamente. A narrativa revela o percurso de uma das primeiras pessoas a realizar uma cirurgia de troca de genitais no mundo, permitindo a reflexão da ciência sobre a compreensão dos limites do ser humano em relação ao seu corpo, sua imagem, seu desejo e sua identidade.

O desenlace da história envolve as sutilezas de dois perfis, distintos e encantadores, revelando uma relação de amor e desejo entre ambos. Identifica-se a experiência de duas personagens ricas em detalhes: Gerda, nasce com os genitais femininos, é reconhecida por ser uma jovem mulher característica de sua época, embora assuma um papel social ativo, buscando seu lugar e reconhecimento por sua profissão de pintora; e Einar Wegener, que se transforma em Lili Elbe, nasce com os genitais masculinos e tenta pertencer ao gênero feminino, busca encontrar sua identidade feminina no corpo biologicamente caracterizado de homem. Observa-se que a personagem Einar embora tenha o corpo compreendido como de homem, ao longo do percurso, tenta transformar sua imagem em corpo de mulher, pois percebe sua feminilidade e busca revelar o seu gênero feminino.

Nesse ponto, Lattanzio (2001) contribui para a reflexão ao apresentar uma diferenciação entre os conceitos de gênero, sexo e diferença anatômica. Assim, “o gênero expressa o resultado da designação, por parte do pequeno *socius*, de identidades e papéis relacionados ao sentimento de pertencimento a um dos grupos sociais classificados como masculino e feminino” (LATTANZIO, 2001, p. 65). A atribuição de gênero ocorre anteriormente à tomada de consciência e à própria descoberta da diferença anatômica e dos imperativos sociais, assim, o gênero, ao conviver com o polimorfismo sexual infantil, pode fornecer atributos da identidade ao Eu.

Seguindo essa diferenciação, Lattanzio (2001) considera que o sexo não é um dado biológico, natural, inato, mas é secundário ao gênero, pois tem por função organizar sua multiplicidade, fixar uma identidade sexual e depois permitir a estabilidade, devido ao seu vínculo necessário à consolidação de

um Eu, pois, considerando o referencial simbólico da cultura, a identidade faz referência a um sexo. Dessa forma, o sexo responde aos imperativos sociais da posição diante da bipartição masculino-feminino, diz respeito à certeza de definir homem ou mulher. E acrescenta que o sexo “pode ser topicamente referido ao Eu, fazendo parte da identidade, atuando como agente recalcante e servindo como contra-investimento a tudo que no infantil é da ordem do múltiplo, a tudo que vai contra a identidade construída” (LATTANZIO, 2001, p.65).

E considerando a referência ao anatômico e ao biológico, Lattanzio (2001) apresenta o conceito de diferença anatômica, indicando o sexo biológico. Compreende-se que essa “diferença foi apropriada socialmente como a principal classificação humana, e assim serve como uma espécie de matriz hermenêutica, a partir da qual os adultos poderão ter a segurança de designar à criança o gênero “correto” (LATTANZIO, 2001, p. 66).

Quanto aos papéis assumidos pelas personagens, identifica-se posturas para homem e mulher atípicos dos casais heterossexuais da época: o marido expõe passividade e fragilidade em sua forma de agir; a esposa assume atitude ativa, firme, forte e de poder. Há diferenças quanto aos lugares reservados ao casal, pois enquanto Einar é reconhecido por seu trabalho, Gerda, embora tem foco, busca alcançar reconhecimento e sucesso com habilidade artística, ao captar e revelar a expressão da singularidade feminina de suas pinturas, principalmente quando decide pintar Lili. Esse ato de traduzir o sentimento na arte, a revela uma grande artista.

A relação entre o casal apresenta-se saudável e tranquila até o momento em que Gerda decide pintar Einar vestido de mulher, e percebe a intensidade da expressão de seu marido. Esse momento possibilita o reencontro de Einar com Lili Elbe, a percepção e a identificação com o gênero feminino, bem como a estranheza com o corpo, imagem e identidade masculina. A partir desse momento, Einar sente o desejo de mudar sua imagem corporal, fazendo a troca de genitais, buscando na transformação biológica do corpo orgânico e anatômico as origens de sua feminilidade. Aqui lembra-se da proposição freudiana ao afirmar que o Eu é a projeção da imagem no corpo, onde a compreensão de Einar sobre seu corpo não revela sua identidade.

Em algumas ocasiões, é possível observar a relação de Einar com a sua feminilidade, no encanto com o feminino, como no exemplo em Gerda lhe pede para experimentar roupas de mulheres, ele aceita e parece se identificar e se reconhecer. Esse ato demarca a nomeação e Einar em Lili. Em outro momento, o casal decide apresentar Lili ao mundo, é quando Einar, ao se vestir como mulher, tem a sensação de ser outra pessoa, se dissocia da ideia de que é homem, assume aspectos do gênero feminino, e expõe seu desejo de viver como se reconhece, bem como de mudar sua identidade, demonstrando a angústia de preencher um vazio e satisfazer uma falta estruturante. Nesse ponto observa-se a proposição lacaniana de que não existe desejo sem angústia, de forma que o que mobiliza o sujeito é o desejo, e o que traumatiza é a falta, pois a estruturação do sujeito se dá em função da ausência, da falta de objeto.

Em uma circunstância, Einar observa sua esposa se despir e admira seu corpo, elogiando a roupa íntima de sua mulher dormir, e comenta sobre o empréstimo da peça feminina. Gerda, surpresa, pergunta se ele quer contar algo, e ele questiona sobre esse interesse dela. Aos poucos eles vão percebendo a diferença na forma como ambos se observam e se desejam. Em outra ocasião, na festa da amiga do casal, eles comentam como se conheceram, e descrevem como se apaixonaram: ele afirma ter se encantado por ela, admirado a forma de se vestir diferente e “deixar os tornozelos à mostra”; ela conta que teve a atitude conquistadora ao se aproximar dele, e se surpreendeu ao beijá-lo, pois “era como beijar a ela mesma”; isso pode ser percebido na imagem abaixo (figura 01). Aqui compreende-se como as posições feminina passiva e masculina ativa, não correspondem a mulher e homem respectivamente, pois Gerda e Einar vivenciam outras formas de ser e se expressar. Os estereótipos de um casal heterossexual à moda da sociedade em que viviam também parece contraditório, eles comentam não querer frequentar as festas da época, as quais, Einar afirma que “parece estar atuando nelas” ao se apresentar como homem, (como expresso na figura 02).



Figura 01.



Figura 02.

De igual modo, o casal revela uma cena de fantasia em que Gerda assume uma postura dominadora no ato sexual com Einar, pois ao despi-lo, descobre que ele está com uma roupa feminina; ela surpresa, continua o ato, o envolve, o acaricia e retira suas roupas, conduzindo à outra forma de prazer, em que ele é o objeto de sedução, cuja conquista representa o gozo dela, pois o sujeito reveste em fantasia aquilo que lhe falta. Todavia, essa troca de papéis entre eles revela a tentativa de mudar as posições de domínio entre eles, como observa-se nas cenas abaixo, em que ele a considera como “garota sem vergonha” (figura 03); e ela, ao pintar ele vestido de mulher, comenta: “não a torne uma vagabunda” (figura 04). Essa comparação revela as contradições de uma sociedade que impõe e adequa homens e mulheres a função social e na posição sexual, nas quais os padrões de masculinidade e feminilidade são atribuídos a homens e mulheres, respectivamente.



Figura 03.



Figura 04.

No processo de montagem da personagem Lili, o casal prepara Einar, escolhendo roupas, calçados, cabelo e maquiagem. Gerda pergunta sobre a certeza dele interpretar e comenta que ele pode gostar da experiência de enganar pessoas e que “nunca saberá como é se não tentar”. Ao aceitar o desafio e incorporar o papel, Einar como Lili, se preocupa em ficar bonita, admira sua esposa ao expressar que “nunca será tão bela quanto ela”, compreendendo que não pode ser como uma mulher, embora tente se vestir como tal. Einar comenta que Gerda o torna forte, revelando a projeção de Einar sobre sua esposa, afirmando que ela é linda, tem o poder; e que ela “lhe dá força”, porque o “fez lindo”. Aqui é possível se pensar se essa referência de poder indica a posição de ter ou ser o falo, em relação a função de masculino e feminino, respectivamente.

Ao se expressar como Lili, Einar é admirado e paquerado por um homem, o Sr. Henrik, que conversa sobre a metáfora do lugar em que “todos podem ser o que quiserem em um dia”. Este homem galanteia e beija Lili, ela reage surpresa, e nesse ato irruptivo sangra o nariz. Gerda vê a cena e ambos saem do local. Observa-se aqui a força da irrupção da cena traumática inconsciente, ao rememorar e trazer à tona o sintoma do beijo vivido na cena traumática, isso desperta um efeito imprevisível ao corpo. A cena do beijo é apresentada na figura 05.



Figura 05.

Posteriormente, observa-se a tentativa de Einar compreender a sua transformação em Lili ao procurar Henrik, que o beija novamente e tenta tocar-lhe o corpo, chamando-o de Einar. Nessa ocasião, a fantasia de Einar se dilui, ele muda, repree e vai embora, pois naquela ocasião em que ela se percebe como Lili, se sente mulher, quer ser reconhecida como tal. A realidade demonstra-se cruel para Einar, pois ele se depara com o seu desejo e a impossibilidade de satisfazer, é momento dos limites e de reconhecimento da falta, possivelmente uma atualização da castração. Após esta experiência com outro homem, Einar conversa com sua esposa, se refere a Lili como sendo outra pessoa, diferente dele. Gerda reage e afirma que “Lili não existe”, assume que erraram ao fazer essa brincadeira e pede para esquecer e parar o jogo. Einar afirma que “algo mudou, mas que vai tentar”. Em outro momento, Einar afirma para Gerda que ela “deu vida a Lili, mas ela sempre esteve lá”. Essa confusão de identificação de papéis pode ser observada quando Einar afirma que não sabe em que momento era ele ou a Lili, conforme figuras 06 e 07.



Figura 06.



Figura 07.

Com este episódio de tensão Einar busca sua imagem no espelho, observa seu corpo masculino, procurando indícios de uma feminilidade, se toca, esconde o pênis entre as pernas, se veste com roupas femininas, conforme a figura 08. Em outra tentativa de encontrar respostas, Einar procura um local onde

observa uma mulher nua se acariciando. A jovem compreende que ele não sente desejo com seu exibicionismo e percebe ele a imita em seus gestos, então ela o conduz a tocar e descobrir seu corpo. Todavia, Einar interrompe o percurso da fantasia quando toca seus genitais e percebe o membro existente ali, conforme a cena da figura 09.



Figura 08.



Figura 09.

Ao passo que Einar expressa sua angústia e sofrimento ao tentar se encontrar como Lili, ele conta sobre o desejo por outros homens e revela sobre a experiência infantil com seu amigo Hans, embora reconheça que ama sua esposa. No instante que Einar relata a cena de um beijo na infância, passa mal ao contar, pois mais uma vez ressurgiu o efeito da cena traumática recalçada. Quando se refere as cenas infantis, afirma que “esqueceu o lugar da infância retratado nos quadros”; ou ressalta: “não consigo mais lembrar!”. A força do recalque é também tão intensa que ele passa a não reconhecer elementos e momentos vividos no passado. Nesse momento, a referência de Freud permite observar a intensidade dos sintomas e a dificuldade em elaborar a angústia, onde as lembranças e memórias são constantes até que ocorra elaboração do sintoma.

Na circunstância em que o casal percebe que precisam de ajuda procuram médicos para identificar o “problema” de Einar. As respostas são diversas e alguns diagnósticos refletem a previsão para aquela época histórica, tais como: loucura, esquizofrenia, perversão, desequilíbrio químico, sendo os tratamentos também os mais variados, como exemplo: tentativa de internação com eletrochoques, prisão com camisa de força e radiação. Einar assustado com os tratamentos tenta fugir desses diagnósticos, mas ao perguntarem a ele de onde vem a Lili, ele responde: “de dentro de mim”. Em outra ocasião, afirma após um tratamento: “você machucou a Lili”, identificando Lili como algo dentro dele,

mas diferente dele. Observa-se como o desejo de Einar torna-se forte e o desloca da realidade, a sua identificação com o feminino é tão intensa que ele não consegue mais vestir-se como homem.

Momentos de dúvidas e incertezas tomam o casal e faz Gerda procurar o amigo de Einar para saber sobre o passado do marido e pedir ajuda de alguém que o conheça. Hans conta sobre o beijo entre eles, mas afirma que isso foi “coisas de garoto e passou”. Gerda o convida para ir visitá-los em sua casa e avisa a Einar, ele se apresenta como Lili para Hans, se demonstra encantada e interessada em saber sobre a vida do amigo, sobre a infância deles. Gerda fica surpresa e pede desculpa a Hans pelo incidente, tentando em seguida conversar com o esposo. Einar, confuso, pede para dormir com um vestido da esposa, ela responde que “Lili nunca dormiu entre eles”, ele lhe ressalta: “não importa o que eu visto, mas o que sonho, *os sonhos da Lili*”, tal como pode ser visto nas cenas seguintes, figuras 10 e 11.



Figura 10.



Figura 11.

Nos períodos de fragilidade de Einar, Gerda assume uma atitude de suporte ao esposo, se dispõe a ajudar durante os momentos de dor, sofrimento e angústia do companheiro. Ao passo que cuida e se dedica a ele, ela consegue ser reconhecida e obter sucesso nas exposições dos quadros de Lili nas galerias. Todavia, seu esposo não a acompanha e Hans questiona por que ela está sozinha, a convida para sair, e ela responde: “ainda sou esposa de Einar” (figura 12). Essa ocasião também demonstra o quanto Gerda se colocou disponível para Einar, ela percebe que deseja o marido e reconhece que quer ser o desejo dele. Contudo, ela questiona seu apoio, e ele alega não poder atender a demanda de amor da esposa, pondera: “como pude receber tanto amor”, mas compreende que “não pode atender ao que ela quer”. Observa-se a partir de então que Einar não consegue se desvincular da identidade de Lili, Gerda afirma que “sente falta do marido”, conforme cena na figura 13. Ele lhe responde que “não pode trazer o esposo de volta”, pois ela tinha uma história com Einar, não com Lili. Gerda tenta manter relações sexuais com Einar e este afirma que não consegue, ela tentando negar a situação, pede para pintá-lo com roupas masculinas, e ele ressalta que não pode fazer isso, enfatizando: “não posso dar o que você precisa”. Essa relação permite a reflexão sobre como Einar poderia atender a demanda de amor

de Gerda, como satisfazer essa posição de objeto de desejo do Outro. Gerda procura apoio nos braços de Hans, o abraça e o beija, pois compreende que sua relação com Einar mudou.



Figura 12.



Figura 13.

Quando a situação do casal fica insustentável, uma amiga do casal sugere que Gerda procure um médico que cuida de “homens confusos e diferentes como Einar”. Gerda assume não saber como agir e o esposo diz que “a ama e que vai encontrar respostas”. Ele busca leituras sobre pessoas com genitais considerados normais e diferentes, e também passa a se vestir com roupas diferentes, mas infelizmente é agredido e violentado na rua, por outros homens que lhe questionam “o que você é?”. Einar machucado procura a ajuda de Hans, lhe conta que não sabe o que acontece, lembra da infância deles em Vaala, onde ele “prometia ser homem de dia”. Afirma ao amigo que já pensou em matar Einar, mas que lembra que isso também mataria Lili, então desiste. Hans então indica que procure ajuda médica. Einar pergunta a Gerda se ela o considera louco, conforme imagem abaixo (figura 14), ela informa que não, mas diz que se sente culpada pelas pinturas, por apresentar Lili. Einar reconhece que a medicina não pode curá-lo, como visto a seguir (figura 15).



Figura 14.



Figura 15.

O casal ao decidir procurar mais uma alternativa da medicina para a questão de Einar, encontram um médico que indica a realização da mudança de genitais. Quando ele pergunta o que ocorre, Einar responde: “creio que sou mulher internamente”, e Gerda confirma que também acredita nisso. É sugerida a possibilidade de realização da cirurgia inédita, e pontuado sobre os riscos e perigos dos procedimentos. Gerda fica assustada, mas Einar fica interessado na proposta. O médico avisa que a cirurgia é irreversível e ocorre em dois momentos: o primeiro para retirar o órgão genital masculino e o segundo para criar o órgão genital feminino. Quando Einar decide realizar a cirurgia pede para Gerda não ir, mas depois Hans sugere que ela viaje e cuide dele, pois ela o ama. No hospital, Lili se apresenta e diz ao médico para mudar seu corpo, na tentativa de mudar sua identidade, afirma: “estou doente internamente” (figura 16), creditando o poder da cura ao médico, acredita que “você vai me curar”. Posteriormente, comenta: “esse não é meu corpo, por favor leve-o” (figura 17).



Figura 16.



Figura 17.

Observa-se nessa passagem o sintoma de angústia, a dor e o sofrimento de Einar, o não reconhecimento da sua identidade masculina, a não identificação com o gênero masculino, havendo conflito entre o seu corpo e o desejo de pertencer ao gênero feminino. Embora seu corpo revele seus genitais masculinos, ele busca transformar sua vida, retirando essa parte do corpo que não lhe pertence, que lhe parece inadequada.

Após a cirurgia, Gerda visita Einar, agora Lili. Durante o período de recuperação eles voltam para casa, Lili continua o tratamento e começa a trabalhar em uma loja. Gerda insiste em cuidar de Einar, lembra sobre a vida deles de casal, e ele corrige, afirmando que isso aconteceu entre ela e Einar, não entre ela e Lili, e conta que sonha “um dia poder casar”. Gerda insiste que Einar tenha atitudes como seu esposo, questiona se ele não vai pintar novamente, Lili a corrige e diz “quero ser uma mulher e não

uma pintora”. Gerda intervém e afirma “você pode ser as duas coisas”. Nesse momento, percebendo sua posição e condição, ela acrescenta que prometeu cuidar de Einar, e Lili ressalta que “Einar está morto”, destacando que ela já havia cuidado bastante dele e agora precisava cuidar de si. Lili comenta com Henrik sobre a cirurgia, que foi para “correção”, o amigo questiona se o médico a fez mulher, Lili responde: “Deus me fez mulher, ele só corrigiu o erro da natureza”, o amigo pontua surpreso: “ele te fez uma mulher de verdade”. Em outra ocasião, Gerda vê Lili e Henrik juntos, e depois descobre que o amigo é homossexual. Gerda, então, procura o suporte de Hans.

Quando Einar viaja para fazer a segunda cirurgia, Gerda o adverte que é cedo, ele pergunta se ela a acompanhará, ela responde que “não pode colocar a vida dele em risco”. Ela e Hans se despedem dele, posteriormente, viajam e o encontram após a cirurgia. O médico adverte sobre a complexidade e a gravidade do caso, e comunica sobre os efeitos da recuperação. Einar fala à Gerda: “você escutou meu desejo quando ninguém escutou”, diz que vai ficar bem, e que enfim pode ser “como uma mulher verdadeira” (como na imagem, figura 18). Einar atribui à cirurgia a possibilidade de “se sentir completa” (como segue na figura 19).



Figura 18



Figura 19

Após a cirurgia, Lili fala para Gerda: “eu me sinto completa”, diz que vê o mundo como uma mulher e afirma que ela “não vai mais precisar se preocupar” com ele. Nesse momento de emoção, Lili lembrou de uma cena infantil, fazendo referência aos sonhos de Lili, narra que se encontrava nos braços de sua mãe, uma lembrança de acolhida no momento de partida (conforme figura 20). Após este diálogo Lili parte.

Após a morte de Lili, Gerda e Hans viajam para a cidadã da infância de Einar, ela reconhece o cenário e o contexto em que seu esposo viveu e tentou representar em suas pinturas.



Figura 20.

O significado do desejo de amor por seu amigo, e a experiência de beijo na cena infantil foi recalçada por Einar, devido a repressão de seu pai. Contudo, o sentido dessa cena foi lembrado e expresso em seus quadros, demarcando o fim do filme.

### Considerações Finais

O estudo propôs observar o gênero feminino no filme *A Garota Dinamarquesa*. Conforme descrito, a análise fílmica busca destacar elementos do enredo que sobressaem como conteúdo de um discurso. No caso, tentou-se evidenciar as categorias gênero e feminilidade sob o referencial da psicanálise. Assim, o trabalho aponta como sistematização os seguintes aspectos, conforme apresentados a seguir.

O filme permite identificar que o casal heterossexual expõe aspectos para ressignificar o gênero feminino, sendo esse expresso na posição feminina de Gerda e na busca de Einar em assumir aspectos da feminilidade. Gerda, nascida biológica e anatomicamente mulher, gênero feminino, esforça-se em ser reconhecida por seu talento, sua arte, suas pinturas; representa a busca de poder, contrariando a imagem de mulheres na condição de passividade. Já o marido, Einar, caracterizado biológica e anatomicamente como macho homem, devido aos genitais masculinos, revela uma identificação com o gênero oposto, em contradição aos termos compreendidos como masculinidade e atividade, busca a transformação do seu corpo, idealizando a imagem corporal, e o fato de que após a cirurgia de mudanças de genitais, seria possível a completa realização e identificação como mulher. O desejo de identificação ao gênero feminino corresponde ao desejo de preencher a falta, cuja realização só poderia coincidir com o próprio desfecho do filme: a morte.

A relação entre o casal possibilita a compreensão sobre que elementos definem homem e mulher, masculino e feminino, passividade e atividade. Compreende-se que o processo de identificação de meninos e meninas com o gênero não decorre da condição biológica e anatômica, ou do sexo. A compreensão do gênero decorre da percepção e da identificação que se apreende com os elementos da feminilidade ou da masculinidade. No caso do filme, embora a personagem Einar tenha construído uma vida projetada para a posição masculina, em um momento de despertar ele se reencontra com sua posição feminina. Esse movimento de catarse possibilita, inicialmente, uma confusão nas formas de ser, sentir e se perceber, portanto, de sua identidade. Esse processo de dúvidas e incertezas mobiliza a personagem na busca para compreender quem é realmente.

Aqui enfatiza-se uma questão: até que ponto, como e através de que é possível definir como os homens e as mulheres constituem os gêneros masculinos e femininos? Esse processo de identificação das crianças como meninos e meninas ocorre a partir do reconhecimento e sua percepção como sujeitos de desejo. Todavia, o que limita e o que possibilita essa compreensão são reflexões deixadas por este trabalho para próximos estudos.

A partir do referencial utilizado compreende-se que este tema possibilita uma série de reflexões e questionamentos, considerando a diversidade de posições e articulações sobre a compreensão do ser humano. Espera-se que este estudo possibilite o diálogo com outras referências para fortalecer o debate sobre a categoria gênero e a teoria psicanalítica, pois observa-se que há espaços para aproximações entre esse fenômeno e a psicanálise.

## Referências

ANDRÉ, Jacques. **As origens femininas da sexualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Psicologia das Massas e Análise do Eu; A organização genital; O Ego e o Id; Inibição, Sintoma e Angústia. Volume 9 – Livro 1. Editora Delta, Rio de Janeiro: 1959.

FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Volume XXII. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936).Rio de JANEIRO: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Volume XXI. O Futuro de uma ilusão, o Mal-estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931).Rio de JANEIRO: Imago, 1996.

LAPLANCHE, Jean. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo. **O lugar do gênero na psicanálise da metapsicologia às novas formas de subjetivação** Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2001. Capítulo 01.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIN, Cássio dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF**. Vol.8, nº2, dezembro 2014.

RIBEIRO, Paulo de Carvalho. **Gênero e identificação feminina primária**. Psicologia em revista, vol. 11, n. 18, 2005, pp. 238-256.

STOLLER, Robert J. **Masculinidade e feminilidade**: apresentação de gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

**A GAROTA DINAMARQUESA**. Direção de Tom Hooper. Estados Unidos: Universal Pictures, Distribuidor, 2015. 1 DVD (120 minutos): son., color. Legendado, português.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

CAMPELO, Maria Helena Rodrigues. Os Sonhos de Lili: Aproximações Psicanalíticas sobre o Gênero Feminino no filme a Garota Dinamarquesa . **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45, p. 227- 252. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 07/04/2019

Aceito 11/04/2019